

# Contexto

Revista Anual de Estudios Literarios | vol. 29 - n.º 31  
e-ISSN: 2610-7902 | e-Depósito Legal: Me2018000066



*Ave / Canciones infantiles para un columpio / 2002 / Pintura-ensamblaje / 120 x 70 cm*

## Creación literaria

## Transcrição desde *el puente de la lengua*: sete de poemas de Yolanda Pantin

## Transcreación desde *el puente de la lengua*: siete poemas de Yolanda Pantin

## Transcreation from *the tongue's bridge*: seven poems by Yolanda Pantin

Valentina Figuera Martínez<sup>1</sup>

Revista Poesía, Venezuela  
valentinafmartinez@gmail.com

Yasmin Bidim<sup>2</sup>

Universidade Federal de São Carlos, Brasil  
yasminbidim@gmail.com

**Resumen:** En este artículo presentamos la transcreación de siete poemas de Yolanda Pantin, poeta venezolana considerada una de las voces más vibrantes de la poesía hispanoamericana. Los poemas fueron originalmente publicados en la antología *País, poesía reunida 1981-2011* (2014, Pre-textos), que reúne textos de la robusta producción poética de la autora. Respaldadas en las propuestas de Haroldo de Campos (2013) sobre transcreación, labor que demanda una constante tensión, deconstrucción, invención, reinversión y reposición de signos del texto original, nos propusimos preservar los recursos literarios de cada poema, no sin adaptar algunos elementos para dar sentido en portugués al yo lírico de la poeta.

**Palabras clave:** Yolanda Pantin; transcreación; poesía venezolana; traducción poética

<sup>1</sup> Tradutora, pesquisadora, crítica literária e correspondente no Brasil da revista *POESIA* da Universidade de Carabobo, na Venezuela. Doutora em Estudos de Literatura pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e formada em Tradução pela Universidade Central da Venezuela (UCV). Tem traduzido poemas, ensaios, artigos e livros para sites especializados de poesia, jornais e revistas de circulação internacional, bem como publicado ensaios de crítica literária sobre poesia brasileira contemporânea. Código Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9483-1205>.

<sup>2</sup> Pesquisadora e poeta. Graduada e mestra em Imagem e Som pela UFSCar, atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da mesma instituição, tendo realizado Estágio de Pesquisa na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É membro do NEPPOC - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Poesia e Cultura e mediadora do Leía Mulheres São Carlos. É autora de *Livro dos Interiores* (Penalux, 2020) e *O corpinho então nada* (Hecatombe, 2024). Tem trabalhos publicados em jornais e revistas de poesia e crítica literária como *Jornal Relevo*, *Totem & Pagu*, *Revista Aboio*, *Revista Cupim* e *Revista Ouriço*. Código Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0726-5581>.



**Resumo:** Neste artigo, apresentamos a transcrição de sete poemas de Yolanda Pantin, poeta venezuelana considerada uma das vozes mais vibrantes da poesia hispano-americana. Os poemas foram publicados originalmente na antologia *País, poesía reunida 1981-2011* (2014, Pre-textos), que reúne textos da robusta produção poética da autora. Respalgadas nas propostas de Haroldo de Campos (2013) sobre transcrição, labor que demanda uma constante tensão, desconstrução, invenção, reinvenção e reposição de signos do texto original, nos propusemos preservar os recursos literários de cada poema, não deixando de adaptar alguns elementos para dar sentido em português ao eu lírico da poeta.

**Palavras chave:** Yolanda Pantin; transcrição; poesia venezuelana; tradução poética

**Abstract:** In this article the authors present a transcreation of seven poems by Yolanda Pantin, a Venezuelan poet considered one of the most vibrant voices in Spanish American poetry. The poems were originally published in the anthology *País, poesía reunida 1981-2011* (2014, Pre-textos), which brings together texts from the author's robust poetic output. Based on Haroldo de Campos' (2013) proposals on transcreation, a task that demands constant tension, deconstruction, invention, reinvention, and replacement of signs from the original text, we set out to preserve the literary resources of each poem, while adapting some elements to give meaning in Portuguese to the poet's lyrical self.

**Keywords:** Yolanda Pantin; transcreation; Venezuelan poetry; poetic translation

Yolanda Pantin é uma poeta, ensaísta, editora e escritora venezuelana. Nascida em Caracas, em 1954, é formada em Letras pela Universidade Católica Andrés Bello. Considerada uma das vozes mais vibrantes da poesia hispano-americana, tem publicado *Casa o lobo* (1981), *Correo del corazón* (1985), *La canción fría* (1989), *Poemas del escritor* (1989), *El cielo de París* (1989), *Los bajos sentimientos* (1993), *La quietud* (1998), *El hueso pélvico* (2002), *Poemas huérfanos* (2002), *La épica del padre* (2002), *País* (2007), *21 caballos* (2011), *Bellas ficciones* (2016), e *Lo que hace el tiempo* (2017). Possui também destacada produção em literatura infantil e é autora da peça de teatro *La otredad y el vampiro* (1994).

Em 2014 recebeu o prêmio literário Fundarte de poesia, em Caracas; em 2015 o prêmio Poetas do Mundo Latino “Víctor Sandoval”, no México; o VII Premio Casa de América de Poesia Americana em Madri, Espanha, em 2017; e o Prémio Federico García Lorca na Granada, Espanha, em 2020. Recebeu bolsas da Rockefeller Foundation e Guggenheim.

A coletânea de poemas aqui apresentada forma parte de *País, poesía reunida 1981-2011* (2014, Pre-textos), e responde ao desafio de transcriá-los em português, seguindo as pressupostos de Haroldo de Campos [1962] / (2013), para quem a tradução é suscetível de “uma vivissección implacável, que lhe revolve as entranhas, para trazê-la novamente à luz num corpo linguístico diverso”.

Uma das principais sustentações do pensamento sobre poesia e tradução poética de Haroldo de Campos, exposta naquele que considerou o seu primeiro ensaio de fôlego sobre o assunto, “Da Tradução Como Criação e Como Crítica” [1962] / (2013), é a questão da reconfiguração da iconicidade do signo estético, ou seja, a fidelidade à reprodução da forma. A tradução de textos criativos será “recriação, ou criação paralela, autônoma, porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação” (Campos, 2013, p. 5). Na sua fundamentação teórica, Haroldo coloca a função poética em lugar central do processo tradutório e, na tarefa prática, desafia a tradutora a se libertar da fidelidade para construir paralelamente ao original uma nova informação estética.

Como dispositivo antropofágico tanto da própria língua (Nácher, 2021, p. 155) quanto da agência do tradutor (Cisneros, 2012, p. 29), a transcrição se tornou um caminho valioso para apontar novas formas de relacionamento com a tarefa tradutora, deixando o servilismo de lado para privilegiar uma atividade tradutora mais rebelde e problematizadora do sentido absoluto, bem como da relação de poder de texto original versus tradução. A proposta haroldiana de devorar o original, se nutrindo das influências forâneas, para produzir uma aproximação renovada com a forma, só poderia demandar uma atividade tradutória criativa, exercício que apresentamos na coletânea de poemas a seguir, com o intuito de expor em português um fragmento da obra profunda e radicalmente original de Yolanda Pantin.

## *a Víctor*

En esta casa se amontonan los fantasmas. Uno les cuenta los cabellos y les adivina, sin cristales, los pasos, de tanto fantasma que hay por la casa. Qué cantidad de estribos y de bronzes, de cosas puntiagudas en los márgenes del barro, los espacios abiertos en las piedras, esas cuevas intranquilas, las movibles profundas y sus vientres. Irrumpen en los muros las cavernas y se espantan. Uno destila de abrir huecos y piensa, estático, benigno, a esa cueva le pesan los estribos, los bronzes, las cosas aquellas puntiagudas de tanto escondida, de tanto embrujada, de tanto aparecer y desaparecer como si cualquier cosa todos los días.

## *Ao Vítor*

Nesta casa amontoam-se os fantasmas. Conta-se os cabelos e adivinha-se, sem cristais, os passos, de tantos fantasmas que há pela casa. Que quantidade de estribos e bronzes, de coisas pontiagudas às margens do barro, as fendas nas pedras, essas cavernas intranquilas, profundezas móveis e seus ventres. Irrompem nos muros as cavernas e se espantam. Destila-se de abrir buracos e pensa, estático, benigno, sobre esta cova pesam os estribos, os bronzes, aquelas coisas pontiagudas de tanto escondidas, de tanto enfeitizadas, de tanto aparecer e desaparecer como se qualquer coisa todos os dias.

Mírame las manos, los ojos detrás de las trenzas, esta cantidad de vuelo por la piel. Hermosa en do mayor, señora del lugar de los grillos, del océano suspenso, el perenne sitio de tu cuerpo, magnífica. Pájaros emanan de tus labios y cuelgan, torre de marfil, madre de la divina gracia. Pájaros rodando de tus labios, concebida, pájaros hendidos, pájaros desprovistos y pájaros ángeles y Ángeles, míranos las manos, los ojos detrás de las trenzas, esta cantidad de vuelo por la piel.

Olhe minhas mãos, os olhos por trás das tranças, a pele em asas plenas. Bonita em dó maior, senhora do lugar dos grilos, do oceano suspenso, o perene lugar do teu corpo, magnífica. Pássaros emanam dos teus lábios e se penduram, torre de marfim, mãe da divina graça. Pássaros rodando nos teus lábios, concebida, pássaros fendidos, pássaros desprovidos e pássaros anjos e Anjos, olhe nossas mãos, os olhos por trás das tranças, a pele em asas abertas.

Vengo de lejos. De este cansancio. Una sola marca desde el vientre hasta lo hondo. A saber. La piel de pronto se me agolpa. La línea que te enmarca. Tu presencia. A no caer. A ser de nuevo por las calles. Arrastro cosas: una silbante tristeza, una mujer de años, una larga cavidad, el sitio y este alguien por mi rotura sostenido, sosteniéndome.

Venho de longe. Deste cansaço. Uma só marca desde o ventre até o fundo. A saber. A pele de repente me apavora. A linha que te contorna. Tua presença. A não cair. A ser de novo pela ruas. Arrastando coisas: uma sibilante tristeza, uma mulher de anos, uma longa cavidade, o lugar e esse alguém por minha fratura suportado, suportando-me.

### Irremediablemente

He visto cómo surca el temblor sobre  
tu frente senda luminosa que un día  
nos apaga  
oscura translúcida gota amarga  
incendia  
labios para amar con fuego las cadenas  
fragua vulcano al vivo de tu centro  
lumbre que prosenio una ilusión vacía  
brasa donde orilla la existencia  
candiles que el amor ha encendido en  
su locura  
                    languidecen

### Irremediavelmente

Tenho visto o tremor fendendo tua  
testa  
centelha luminosa que um dia nos  
apaga  
translúcida obscuridade gota amarga  
incendia  
lábios para amar com fogo as  
correntes  
emana vulcão ao vivo do teu centro  
labareda profunda que encena uma  
ilusão vazia  
brasa onde ancora a existência  
candeias que o amor tem acendido na  
sua loucura languidescem

## Oscuridad del amor

En la débil luz  
del puente de la lengua hallé la verdad de tu  
amor que no comprendo

## Obscuridade do amor

Na fraca luz  
da ponte da lingua achei a verdade do  
teu amor  
que não compreendo

### Casa das pedras

Vacío. Todo está en calma:  
El deseo de morir, el deseo de apagar  
la sed  
Con furia. Todo respira  
cerimoniosamente. La memoria Exhala  
fragancias de un viejo dolor  
Que aún perdura.  
Yo sólo observo la belleza que el día  
Me da para matarla.  
Que Dios olvide todo esto:  
La mano que en la calma forma  
Un idéntico abrazo, un cuerpo  
parecido,  
Doble ensimismado  
Que goza en las tinieblas de los labios.

*14 de agosto de 1986*

### Casa das pedras

Vazio. Tudo está em calma:  
O desejo de morrer, o desejo de  
queimar a sede  
Com fúria. Tudo respira  
cerimoniosamente. A memória exala  
fragrâncias de uma velha dor  
Que ainda perdura.  
Eu apenas observo a beleza que o dia  
Me dá para matá-la.  
Que Deus esqueça isso tudo:  
A mão que na calma forma  
Um idêntico abraço, um corpo  
parecido,  
Duplo ensimesmado  
Que goza nas trevas dos lábios.

*14 de agosto de 1986*

## Divagación XV

Miro mis manos. Miro las manos que han tocado el fondo en su inconsciencia. Miro las manos que han estado en ti y han sido mis ojos y han visto el fondo de tus ojos. Miro mis manos donde están tus manos. Me pregunto por la naturaleza de tus manos que rozan como el ángel tu misterio. Miro mis manos en tus manos. Sé en mis manos sin palabras. Sé la forma pura de tus manos, aquello que es aquello sin palabras. Déjate dormir, caer hasta dormir. Descansa mía. Déjate en mí, en mis manos. Ser dormida el cuerpo que duermo con mis manos.

## Divagação XV

Olho minhas mãos. Olho as mãos que têm tocado o fundo na sua inconsciência. Olho as mãos que têm estado em você e têm sido meus olhos e têm visto o fundo dos teus olhos. Olho minhas mãos onde estão tuas mãos. Me pergunto sobre a natureza das tuas mãos que tocam como o anjo seu mistério. Olho minhas mãos em tuas mãos. Sei nas minhas mãos sem palavras. Sei a forma pura das tuas mãos, aquilo que é aquilo sem palavras. Deixe você dormir, cair até dormir. Descanso brisa. Deixe você em mim, nas minhas mãos. Ser dormida o corpo que dorme com minha mãos.

### Referencias

- Campos, Haroldo de. Da Tradução como Criação e Como Crítica. In Campos, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 2006. pp. 31-48.
- Cisneros, Odile. From Isomorphism to Cannibalism: The Evolution of Haroldo de Campos's Translation Concepts. *TTR*, [S.l.], v. 25, n. 2, 2012. <https://doi.org/10.7202/1018802ar>. Acesso em: 23 nov. 2022.
- Nácher, Max Hidalgo. La traducción como dispositivo general de la cultura: galaxias y correspondencias desde la biblioteca de Haroldo de Campos y el archivo de Roman Jakobson (1966-1981). *Meta*, Montreal, v. 66, n. 1, 2021, p. 154-177. <https://doi.org/10.7202/1079325ar>. Acesso em: 21 nov. 2022.